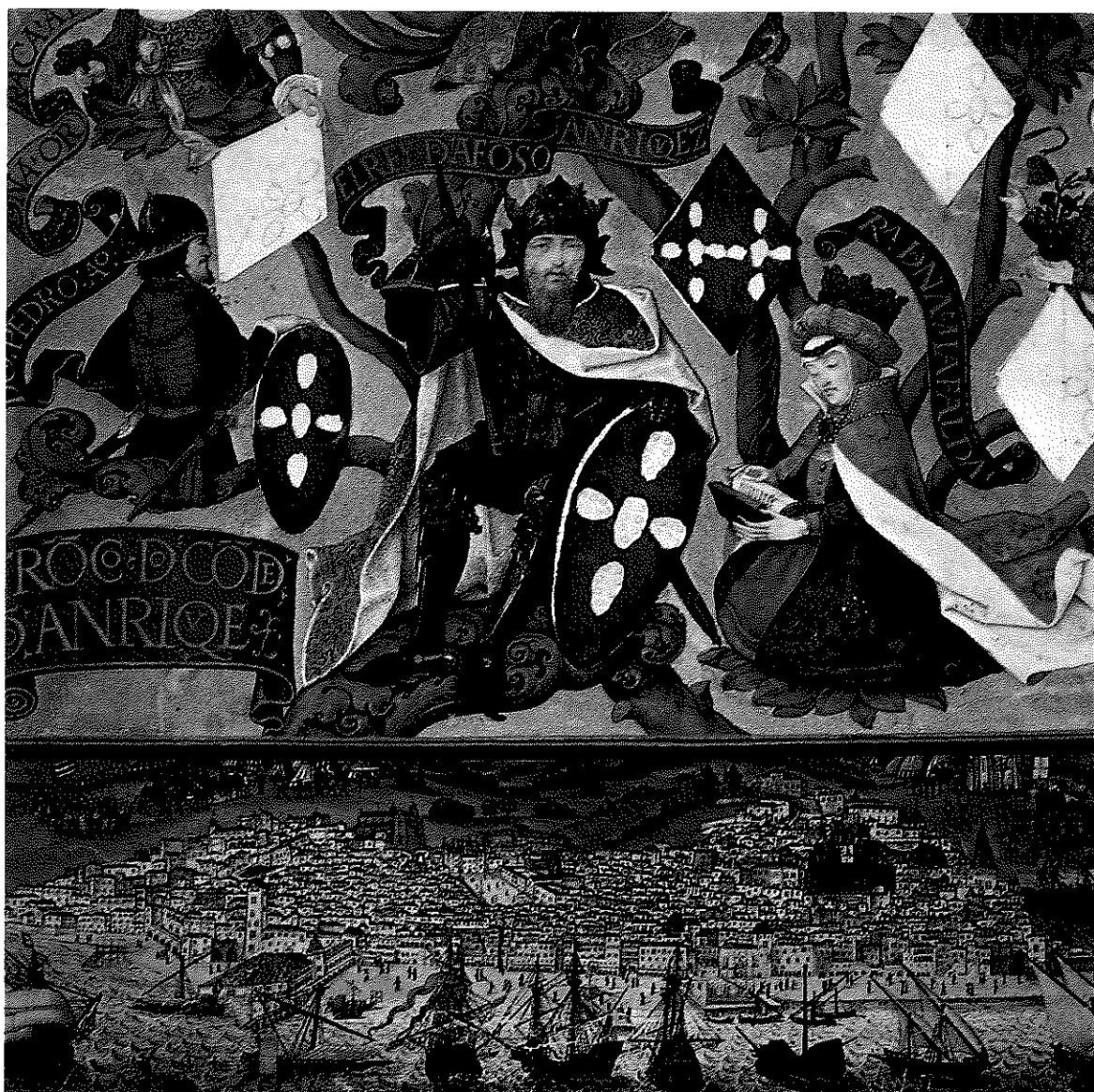


Luís Krus / Luís Filipe Oliveira / João Luís Fontes
[Coordenação]

LISBOA MEDIEVAL

Os rostos da Cidade



LIVROS HORIZONTE

Actas do II Colóquio "A nova Lisboa Medieval" (Auditório Municipal Orlando Ribeiro, Lisboa, 9-11 de Dezembro de 2004). Organização do Instituto de Estudos Medievais (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa). Coordenação de Luís Krus, Luís Filipe Oliveira e João Luís Fontes.

Título:

Lisboa Medieval – Os rostos da Cidade

Autor:

Vários

Coordenação:

Luís Krus, Luís Filipe Oliveira e João Luís Fontes

Revisão tipográfica:

Luís Filipe Oliveira e João Luís Fontes

Capa:

Estúdios Horizonte



© Livros Horizonte, 2007

© Instituto de Estudos Medievais

ISBN 978-972-24-1563-7

Paginação:

Gráfica 99

Impressão:

Rolo & Filhos II, S.A.

Outubro, 2007

Dep. Legal n.º 265319/07



Reservados todos os direitos de publicação total ou parcial para a língua portuguesa por LIVROS HORIZONTE, LDA.
Rua das Chagas, 17-1.º Dt.º – 1200-106 LISBOA
E-mail: livroshorizonte@mail.telepac.pt
www.livroshorizonte.pt

Ecoss da trasladação de S. Vicente para Lisboa, na Flandres

M. Isabel Rosa Dias*

Nos séculos da formação territorial de Portugal, as relações entre este reino ibérico e o norte da Europa estabeleceram-se a diversos níveis, como documenta um conjunto significativo de textos de aquém e além fronteiras. A reconquista foi certamente um elemento indutor desta aproximação dos reinos cristãos de além-Pirinéus a Portugal. Atraíu homens que, ao abrigo do espírito de cruzada, ajudaram a conquistar terras aos mouros, a povoá-las e a administrá-las, como sejam o exemplo de Lisboa (1147), Silves (1189) e Alcácer do Sal (1217); embaixadas com diferentes propósitos políticos; e religiosos que colaboraram na recristianização de espaços por longo tempo sujeitos ao domínio muçulmano, quer estabelecendo filiais das ordens monásticas a que pertenciam, quer integrando-se em estruturas eclesiais onde implantaram os seus usos litúrgicos. A reconquista facilitou ainda o contacto com tradições histórico-hagiográficas relacionadas com os períodos romano-visigótico e muçulmano.

Se houve território por que passou um número significativo de estrangeiros em consequência de todos estes movimentos, esse território foi a cidade de Lisboa, como testemunham fontes de tipo diferente, nomeadamente um conjunto de notícias de carácter epistolar, cronístico e analístico sobre a conquista da referida cidade, provenientes de regiões anglo-normandas, germânicas, e igualmente de Portugal¹.

A este conjunto de fontes narrativas, que têm suscitado diferentes estudos, poderei juntar uma outra, praticamente desconhecida entre nós, que também revela a visibilidade que a conquista de Lisboa alcançou além fronteiras. Trata-se de uma narrativa histórico-hagiográfica sobre a trasladação de S. Vicente para Lisboa, proveniente do Mosteiro de Saint-Ghislain (situado na região do actual Hainaut belga). Foi transmitida por um manuscrito anónimo, em latim, datado do séc. XIV, que faz parte de um códice de matéria predominantemente hagiográfica, hoje conservado na Biblioteca Real da Bélgica (com a cota II. 981)². O lugar que nesta narrativa ocupa a matéria relativa à conquista de Lisboa é relevante e deveria ser apreciado na relação que estabelece com algumas das notícias atrás referidas, nomeadamente as que pertencem à linhagem germânica.

No entanto, por agora o que pretendo destacar é que a narrativa de Saint-Ghislain, intitulada *Relatio de translatione sancti Vincentii martyris*, é acima de tudo um testemunho muito particular do eco trans-nacional que teve o acontecimento religioso mais importante da Lisboa da segunda metade do séc. XII. Não foi, portanto,

* Universidade do Algarve.

Ecoss da trasladação de S. Vicente para Lisboa, na Flandres

apenas a conquista militar da cidade, parte integrante dos objectivos da segunda cruzada, que ficou lembrada nos registos históricos de além-fronteiras, foi também a conquista da protecção espiritual de Lisboa, conseguida através da trasladação para a sua igreja matriz, no ano de 1173, do mártir S. Vicente, que deixou marcas na literatura hagiográfica do norte da Europa, nomeadamente na do mosteiro beneditino de Saint-Ghislain.

A *Relatio* integra pois esse grupo de textos que mostram o interesse que os reinos de além-Pirinéus desenvolveram pelos mártires e tradições hagiográficas hispânicas, especialmente entre os séculos IX e XII. Tal interesse traduziu-se na procura das relíquias dos antigos mártires hispânicos, frequentemente à mercê do poder muçulmano, e na procura dos textos que contavam os respectivos mártírios. É o que exemplificam, por exemplo, os testemunhos que relatam as diversas tentativas de obtenção das relíquias de S. Vicente de Saragoça. Em 858, Usuard e Odilard, monges de Saint-Germain-des-Prés partiram para a Espanha, com o objectivo de aqui recolherem as relíquias de S. Vicente, como narrou o monge Aimoin (séc. IX), *Nathaliae ex urbe Corduba Parisios*³; Aimoin relatou ainda a aventureira viagem de dois monges aquitanos à Espanha, que culminou com a trasladação das relíquias do mártir de Saragoça para o mosteiro de Castres, como se pode ler na *Inuentio siue translatio beati Vincentii leuitae et martyris quae celebratur VI. KL. Nouembris*⁴; no prefácio do *De miraculis S. Mariae Laudunensis*, Herman de Laon (séc. XII) evocou a promessa feita por Afonso de Aragão, o batalhador, de oferecer ao bispo de Laon, Barthélemy, o corpo de S. Vicente⁵; o mesmo monge francês em carta endereçada ao seu abade Anselmo, do Mosteiro de Saint-Vincent de Laon, relatou os episódios de uma viagem que fez a Espanha, com o objectivo de transcrever a *passio* de S. Vicente e de visitar o local onde se encontravam as relíquias do mártir⁶. De acordo com outros relatos, relíquias de outros santos e mártires terão igualmente sido transportadas para igrejas e mosteiros do norte da Europa: assim, por exemplo, as de S. Cucufate de Barcelona, para o mosteiro de Leberau, na Alsácia, no séc. VIII, e para Saint-Denis, perto de Paris, no séc. IX; as de S. Eugénio de Toledo, para este mesmo mosteiro, no mesmo século; algumas da Virgem Maria terão sido enviadas por Afonso VI de Castela a Santa Ida de Bolonha; e relíquias de Santa Leocádia encontravam-se em Saint-Médard de Soissons e em Saint-Ghislain, mosteiro que conservava também duas recensões do seu martírio, escritas no séc. XII⁷.

É, pois, neste contexto geral de apreço pela história do cristianismo antigo peninsular que poderá começar por justificar-se a presença de um relato sobre a trasladação de S. Vicente para Lisboa em Saint-Ghislain. Uma justificação mais precisa encontra-se, contudo, no prólogo da *Relatio*: aqui o seu autor, depois de ter indicado as fontes das duas primeiras partes da narrativa ("As primeiras palavras subscritas da narrativa do beato Vicente, mártir invencível, foram retiradas do relato da paixão. As seguintes foram extraídas da história dos reis franceses, que se chamaram merovíngios"⁸), afirma que a terceira parte, constituída pela narrativa da trasladação de S. Vicente para Lisboa, foi escrita a partir do reconto oral de um arqui-diácono da Sé ulissiponense, hoje dificilmente identificável, chamado Fernando ("E as restantes são escritas a partir do relato da trasladação e segunda sepultura do

beato mártir, segundo ouvimos da boca do reverendo Fernando, homem venerável tanto pela religiosidade como pela linhagem carnal, o qual então morava naquela pátria e fora arqui-diácono do episcopado para o qual o beato fora trasladado”). Tal significa (se não tomarmos estas palavras como uma estratégia de veridicção narrativa) que o redactor da *Relatio* em determinada circunstância da sua vida terá passado por Lisboa e aqui terá permanecido o tempo suficiente para se interessar pela história da trasladação de S. Vicente. De regresso ao seu mosteiro, registou-a; contudo, numa forma bastante distinta da que presumivelmente lhe fora comunicada em Lisboa, e que havia sido fixada pelo chantre ulissiponense Estêvão, nos finais do séc. XII^o. De facto, reflecte-se no texto de além-Pirinéus a influência directa da narrativa francesa da trasladação de S. Vicente para o Mosteiro de Castres, da autoria de Aimoin, que teve grande difusão na Europa ocidental. A cópia trecentista da *Relatio* guarda também marcas (a divisão em dezoito “lectiones”) que indicam ter sido usada ou liturgicamente ou como leitura piedosa. Creio que não existem razões para desvincular tal prática cultural do mosteiro de Saint-Ghislain, onde o referido texto hagiográfico se conservou desde a época medieval até ao séc. XVIII.

Talvez, pois, o contacto directo do autor da *Relatio* com a cidade de Lisboa e com as suas memórias sobre S. Vicente, num tempo que a narrativa não define, pudesse ter sido razão suficiente para justificar a presença da referida cópia em Saint-Ghislain. No entanto, a análise interna do texto levanta pistas que permitem enquadrar melhor a questão. Elas remetem para uma conjuntura histórica específica, a partir da qual será possível, por um lado, deduzir uma hipótese de datação do texto e, por outro, compreender mais amplamente o acolhimento que lhe foi dado no mosteiro do Hainaut.

Vejamos como tais pistas se dão a ler. Em primeiro lugar, o autor, ao evocar a invasão muçulmana da Península, e particularmente a de Valência, deixa pressupor que no seu tempo aquela cidade ainda se encontrava sob o domínio muçulmano (“A referida cidade da Hispânia, a nobilíssima Valência foi dominada por longo tempo pelos cristãos no tempo dos Visigodos e dos Suevos. Mas pelos muitos pecados dos cristãos, os Sarracenos que habitam em África atravessaram o mar e subjugarão a Hispânia com o seu poderio. Na verdade, os cristãos possuem até hoje a parte ocidental da Hispânia, não por seu mérito, mas pelo do beato apóstolo Tiago, que, como cremos, a favoreceu com o patrocínio do seu corpo. No entanto, Valência, com a basílica em que S. Vicente foi sepultado, caiu em poder dos Sarracenos. Assim, não foi mostrada nenhuma reverência pelo mártir de Cristo, porque nenhum cristão aí foi encontrado”). Se a *Relatio* tiver efectivamente sido escrita antes da tomada cristã de Valência, haverá que situar a sua redacção antes do ano de 1238. Esta baliza temporal tornaria viável a identificação do arqui-diácono Fernando, a quem o monge de Saint-Ghislain ouviu contar a história da trasladação de S. Vicente para Lisboa, com Fernão Peres, que exerceu a actividade de chantre na Sé de Lisboa durante alguns anos do episcopado de Soeiro Viegas, ou seja, entre 1210 e 1232. Autores seiscentistas, como D. Rodrigo da Cunha e Jorge Cardoso, deixaram do chantre um retrato coincidente com o que o monge de Saint-Ghislain traçou do arqui-diácono Fernando, destacando-lhe a origem aristocrática e as virtudes de homem religioso¹⁰. Entre estas figurariam certamente as intelectuais, facilitadoras do contacto com visitantes cultos.

Em segundo lugar, na *Relatio* chama a atenção para o registo relativamente abundante de dados relativos à história portuguesa: é apontada a data aproximada da trasladação de S. Vicente, do Algarve para Lisboa (“por volta do ano da encarnação do Senhor, 1160”), é evocado o nome do monarca português reinante ao tempo (“vivendo na Hispânia ocidental Afonso, rei de Portugal”), bem como o do papa que lhe concedeu o título régio (“no tempo do papa Alexandre III”); é relembado o contributo dos cruzados da Europa do norte na conquista de Lisboa e também o investimento régio no embelezamento do túmulo de S. Vicente. Naturalmente que o zelo documental pode justificar o registo destas informações, algumas das quais se repetem no epílogo, em combinação com outras nem sempre historicamente exactas (“Na verdade, fez-se esta trasladação do mártir beato Vicente da cidade de Valência para Lisboa passados oitocentos e tal anos do martírio, sendo cabeça da igreja de Roma o papa Alexandre, reinando naquela província o rei Afonso, governando o império dos romanos o ilustre Frederico, sendo príncipe dos franceses o piíssimo príncipe Luís VIII, reinando sobre estes e sobre nós nosso Senhor Jesus Cristo”). Contudo, a possibilidade de o autor ter vivido num tempo próximo daquele em que ocorreu o acontecimento que narra ou em que viveram as figuras com ele relacionado também poderá explicar a série de informações históricas relativas ao reino de Portugal.

Em terceiro lugar, encontramos no final da narrativa uma singular referência à princesa Matilde, filha de D. Afonso Henriques. Esta aparece como co-responsável da decisão de enobrecer o túmulo de S. Vicente, deposto no altar-mor da Sé de Lisboa, com um cinzelado de pedras e metais preciosos (“o corpo do mártir beato foi levantado do caixão pelo presbítero e foi conduzido para a igreja maior com muitas lágrimas. Aí foi deposto por detrás do altar maior um túmulo de pedra; e para que nenhuma fraude ou furto pudesse acontecer nos tempos futuros foi selado com grilhões de ferro e com sinetes. Para que estas protecções de ferro não provocassem desagrado aos que olhavam, e para que não julgassem esta fechadura indigna do santo mártir, por devoção e a pedido do rei Afonso e da sua filha, a rainha Matilde, a dita fechadura de ferro foi coberta e adornada com prata, ouro e pedras preciosas, por meio de um cinzelado”)¹¹. Este apontamento relativo à princesa portuguesa é tanto mais relevante quanto, no contexto em que surge, não encontra par na tradição textual portuguesa sobre a trasladação de S. Vicente. O monge de Saint-Ghislain parece, pois, ter sido o único a referir-se à interferência de D. Matilde no processo da trasladação. Se, como presumo, a partir das notas apontadas atrás, a *Relatio* tiver sido escrita nas primeiras décadas do século XIII, tal significa que por essa altura aquela princesa portuguesa, que foi condessa da Flandres entre 1184 e 1219, ainda poderia estar viva, desempenhando a função de condessa feudatária de um território que durante a Idade Média esteve quase sempre politicamente ligado ao condado do Hainaut. Seria, assim, inevitável associar a presença da *Relatio* em Saint-Ghislain a D. Matilde, filha do primeiro rei português. Não representaria, nesta medida, a evocação do seu nome naquele texto um acto de homenagem à sua condição de governante? E o uso cultural que se fez do mesmo um tributo às suas origens portuguesas?

Mas, ainda que a *Relatio* tenha sido escrita depois da morte de Matilde (1219), a memória da condessa ter-se-á certamente projectado no seu sucessor, também português. Com efeito, por alguns anos (até 1233), foi D. Fernando, filho de D. Sancho

I de Portugal que, como Conde da Flandres e do Hainaut, continuou a defender os direitos destes condados, quer vigiando as ambições do suzerano francês, Filipe Augusto, quer procurando alianças com parceiros regionais que garantissem a autonomia e integridade dos territórios que governava. As literaturas histórica e ficcional de além-fronteiras seguiram de perto os seus passos, uma vez que foi um dos protagonistas da memorável batalha de Bouvines¹²; passos que raramente se cruzaram com a história de Portugal. Em Saint-Ghislain, porém, o nome de Matilde e a sua devoção por S. Vicente ficariam lembrados numa narrativa que mostra mais do que um rosto de Lisboa.

NOTAS

¹ A carta do cruzado inglês a Osbert de Bawdsey é a fonte histórico-literária mais extensa e a mais conhecida (*De expugnatione Lyxbonensi*, in *A conquista de Lisboa aos mouros. Relato de um cruzado*, ed. de Aires A. Nascimento, Lisboa, Vega Editora, 2001, pp. 53-175). É igualmente de origem inglesa o apontamento sobre a tomada de Lisboa que se lê na crónica de Henry, arqui-diácono de Huntingdon (*The History of the English (from BC 55 to AC 1154)*, ed. de Thomas Arnold, Lib. VIII, London, 1879, pp. 279-281), e que outros autores ingleses usaram como fonte; assim, por exemplo, Roger de Hoveden (*The Annals of Roger de Hoveden*, ed. de Henry T. Riley, vol. I, London, 1853, pp. 250-251) e John Brompton (*Chronicon*, in *Historiae Anglicanae Scriptores*, X, ed. de Roger Twysden, Londres, 1652, col. 1035). O autor normando Robert de Monte também não ignorou o impacto da referida conquista, como se lê na sua crónica (*The Chronicles of Robert de Monte*, in *The Church Historians of England*, Vol. IV, Part II, trad. de Rev. Joseph Stevenson, Seeleys, London, 1856, p. 724). De contexto germânico provém a carta de Winand a Arnold, arcebispo de Colónia (ed. de Susan Edgington, em "Notes and Documents. The Lisbon Letter of the Second Crusade", *Historical Research. The Bulletin of the Institute of Historical Research*, V. 69, 170, 1996, pp. 336-339) e, a partir de uma versão desta, as cartas de Arnulf a Milo, bispo de Teroanne ("Epistola Arnulfi ad Milonem episcopum morinensem", in *Portugaliae Monumenta Historica, Scriptores*, ed. de Alexandre Herculano, pp. 406-407), e a de Duodechin ao abade Cuno e aos monges de Disibodenberg ("A carta de Duodechino", in *Fontes Medievais da História de Portugal*, reimp. de Alfredo Pimenta (a partir da ed. de Waitz, nos *Monumenta Germaniae Historica*, XVII, pp. 27-28), Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1882, pp. 125-130). Relacionam-se com estes textos as versões dos anais de Colónia e Magdeburg e um fragmento quatrocentista que se conserva em Trier, descoberto nos anos noventa do século passado por Susan Edgington (cf. o artigo atrás citado). Haverá que somar a estes relatos a notícia sobre a fundação do Mosteiro de S. Vicente de Lisboa (*Indiculum Fundationis Monasterii Beati Vincentii Vlixbone*, in *A conquista de Lisboa aos mouros. Relato de um cruzado*, ed. de Aires A. Nascimento, Lisboa, Vega Editora, 2001, pp. 177-197) e a sua tradução para português, datada do séc. XIV (*Chronica da Tomada desta Cidade de Lisboa aos Mouros e da Fundação deste Mosteiro de Sam Vicente*, ed. de Joaquim Mendes, Faculdade de Letras de Lisboa, 1991. Tese de mestrado policopiada). Estes dois últimos textos, escritos no referido mosteiro, mostram particularmente bem o grau de participação dos cruzados e de viajantes que por esta altura chegaram a Portugal na reorganização sócio-política e religiosa da Lisboa reconquistada.

² Este manuscrito foi editado no *Catalogus Codicum Hagiographicorum Bibliothecae Regiae Bruxellensis*, Hagiographi Bollandini, Bruxellis, Typis Polleunis, Ceuterick et de Smet, 1889, pp. 466-471. Existe ainda uma outra edição antiga da *Relatio*, publicada pelos bolandistas, em 1882, que foi feita a partir de uma cópia daquele texto (não localizada), executada no Colégio da Companhia de Jesus, em Douai, no ano de 1652 (*Acta S. Vincentii martyris archidiaconi caesaraugustani qui passus est Valentiae in Hispania et Relatio translationis ejusdem*, in *Analecta Bollandiana*, Tom. I, Fasc. II, ediderunt Carolus de Smedt, Gulielmus van Hooff et Josephus de Backer, Paris/Bruxelles/Genève, Société Générale de Librairie Catholique, 1882, pp. 270-278). O texto desta edição apresenta variantes insignificantes em relação ao da edição do *Catalogus*. Num estudo intitulado *Culto e memória textual de S. Vicente* (dissertação de doutoramento, Universidade do Algarve, Faro, 2003), apresentei uma proposta de reedição do manuscrito medieval de Saint-Ghislain, que se conserva na Biblioteca Real da Bélgica (cf. pp. 272-278).

³ *Patrologiae cursus completus. Series latina*, ed. J.-P. Migne, vol. 115, cols. 941-942.

⁴ Edição de Victor Saxer, em *Saint Vincent, diacre et martyr. Culte et légendes avant l'An Mil*, Bruxelles, Société des Bollandistes, 2002, pp. 318-353.

⁵ *Patrologiae cursus completus. Series latina*, ed. J.-P. Migne, vol. 156, col. 961.

⁶ *Epistola Hermanni Abbatis S. Martini Tornacensis. De corpore S. Vincentii diaconi Valentiae quiescente et de caenobio ejusdem nomine ibidem consecrato*, in *Analecta Bollandiana*, Tomus II, ediderunt Carolus de Smedt, Gulielmus van Hoff et Josephus de Backer, Paris/Bruxelles, Société Générale de Librairie Catholique, 1883, pp. 243-246.

⁷ Baudouin de Gaiffier, "Relations religieuses de l'Espagne avec le Nord de la France. Transferts de reliques (VIII^e-XII^e siècle)", *Recherches d'hagiographie latine*, Subsídia Hagiographica, 52, Bruxelles, 1971, pp. 7-29.

⁸ Tradução minha (também nos trechos a seguir citados).

⁹ Mestre Estêvão, chantre da Sé de Lisboa, escreveu a narrativa histórico-hagiográfica intitulada *Miracula Sancti Vincentii martiris* no último quartel do séc. XII. Este texto divide-se em duas partes: a primeira narra as circunstâncias da trasladação de S. Vicente para Lisboa, em 1173, e a segunda, reúne, numa colecção de narrativas de milagres, as provas da santidade do mártir. O relato da trasladação conta que D. Afonso Henriques, ainda jovem, empreendera

uma primeira viagem, frustrada, ao Cabo de S. Vicente para aí recolher as relíquias deste mártir. Anos mais tarde, os homens do rei voltaram ao Cabo, encontrando desta vez o que procuravam, graças à revelação prévia do lugar preciso onde se encontravam as relíquias, feita por dois religiosos moçárabes de Lisboa. A história prossegue com a explicação de como foram transportados os ossos de S. Vicente da igreja do S. Justa, onde à chegada a esta cidade haviam sido depositados, para a Sé Catedral. Por seu lado, a narrativa de Saint-Ghislain fala de uma primeira viagem frustrada de Afonso Henriques a Valência para recolher as relíquias de S. Vicente. Conta depois que certa noite um presbítero, durante o sono, ouviu uma voz que lhe pediu que as fosse procurar àquela cidade mediterrânica e as trouxesse para Lisboa. Assim viria a acontecer, após uma série de episódios miraculosos, ocorridos no mar, em Valência e também em transportadas para a catedral da cidade.

¹⁰ A propósito de Fernão Peres, veja-se Maria José Azevedo Santos, "Fernando Peres ex-chantre da Sé de Lisboa", *Actas do II Encontro sobre História Dominicana*, Tomo I, Arquivo Histórico Dominicano Português, Vol. III/1, Porto, 1984, pp. 243-249. Rodrigo da Cunha traçou um retrato elogioso do referido chantre da catedral de Lisboa: "tinha além da nobreza do sangue, letras & prudencia, com que de todos se fazia amar, & estimar" (*História Ecclesiastica da Igreja de Lisboa*, Parte II, Lisboa, Por Manoel da Sylva, 1642, p. 156^a). Apresentou-o também como autor de uma carta em que sentenciava sobre uma contenda que opunha o bispo de Lisboa ao clero de Santarém, e como co-autor de outra "sobre as causas, que corrião entre o bispo, & cabido" (ambas datadas de 1213). Um homem letrado, portanto, chamado a resolver questões relativas ao direito eclesiástico (*Ibidem*, p. 110^a). Jorge Cardoso também exaltou as qualidades humanas do chantre ulissiponense, falando dele como homem de "notoria fama de santidade" (*Agilógio Lusitano dos sanctos, e varoens illustres em virtude do reino de Portugal, e suas conquistas*, Tomo I, Lisboa, Officina Craesbekiana, 1652, p. 3).

¹¹ D. Rodrigo da Cunha viria a descrever esta caixa tumular, construída em pedra, de forma relativamente semelhante: "[caixão] de pedraria de preço, precintado todo de faxas, assi mesmo de prata, muitas em numero, & bem encorpadas, & pregadas pella parte do baixo, custodia, & sacario do preciosissimo tesouro, que enriquece, & emnobrecce a cidade de Lisboa, aquelle mesmo sem duvida, em que o glorioso rey dom Afonso Henriques o mandou guardar, como mostra a antiguidade da obra, & o respeito, que sempre esta cidade lhe guardou" (*História Ecclesiastica da Igreja de Lisboa*, Parte II, cap. XVII, p. 96^a).

¹² Tenho-me vindo a debruçar sobre o rasto que a figura de D. Fernando deixou quer na literatura histórica de além-Pirinéus ("Fernando de Portugal, Conde da Flandres", *Modelo. Actas do V Colóquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005, pp. 173-178), quer na literatura ficcional ("Le Livre de Baudouin, comte de Flandre, et de Ferrant, fils du Roi de Portugal", *Relações Literárias Franco-Peninsulares*, Lisboa, Edições Colibri/Universidade do Algarve, 2005, pp. 175-182).